

Brasil testa seu protagonismo em encontro em Paris



País apresenta propostas polêmicas no meio de divergências entre países

Ministro Guido Mantega no encontro do G20 em Seu

A comitiva brasileira que desembarca em Paris para o primeiro encontro do G20 - grupo das 20 maiores economias do mundo - em 2011 pode não ser das maiores, mas promete fazer

barulho. Formada pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, pelo secretário de Assuntos Internacionais, Carlos Cozendley, e por outros dois assessores, a equipe chega ao fórum com propostas que contrariam o interesse dos países desenvolvidos, entre eles, a França, anfitriã do encontro.

A pauta da reunião, que acontece entre sexta-feira e sábado, está basicamente formada por três temas centrais: a alta do preço das commodities, a regulação do sistema financeiro mundial e a chamada guerra cambial. Em pelo menos dois deles - commodities e câmbio -, o Brasil pode ter voz significativa nos debates.

"O Brasil é um dos protagonistas do encontro e um dos principais interessados na discussão fundamental, que é a desordem cambial mundial", diz Antonio Corrêa de Lacerda, professor-doutor do departamento de economia da PUC-SP. "O desenvolvimento do Brasil, no fundo, depende de alguma coordenação internacional com relação ao câmbio", completa.

Para Cristiane Amaral Serpa, pesquisadora do Centro de Estratégias e Negócios Internacional do Ibmec-MG, a guerra cambial ficou como uma agenda em aberto do encontro anterior, realizado em Seul, no fim do ano passado. "Existem várias posições em debate. Fala-se na criação de

uma cesta de moedas. Vamos ver como o debate vai evoluir ao longo do encontro."

O Brasil, neste sentido, tem um discurso independente. Ao mesmo tempo em que critica a postura de países como a China - que mantêm sua moeda subvalorizada para favorecer as exportações -, o País também critica a "exclusividade" do dólar como moeda de reserva global.

José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, acredita que o ministro Guido Mantega vai ser um dos "provocadores" do debate cambial. "Ele não estará sozinho e acho que vai tentar obter parceiros, mas acho difícil conseguir", avalia.

Crítico com relação ao papel do País nos debates, o professor de economia internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Reinaldo Gonçalves diz que o Brasil é um "mero coadjuvante" no encontro. "No ano passado, os norte-americanos começaram essa discussão do câmbio e jogaram na mesa para todo mundo ir contra a China. É uma briga que nós não temos nada a ver", diz.

Commodities

Já no debate sobre as commodities, o Brasil chega a Paris com uma proposta discutida e alinhada com a Argentina - algo que nunca tinha acontecido de forma oficial. Os dois países - que são grandes exportadores dos produtos básicos - são contrários à proposta defendida pela França de controlar estoques no mercado internacional e, com isso, segurar a forte valorização nos preços observada nos últimos seis meses.

"Claramente, nossa posição é conservadora, de manter o quadro atual, já que a proposta apresentada não nos é favorável", diz Lacerda, da PUC-SP.

Em recente encontro com o ministro da Economia da Argentina, Amado Boudou, Guido Mantega defendeu que as causas das altas das commodities já estão "muito bem detectadas" e afirmou que Brasil e Argentina devem colocar na mesa de debates uma proposta para o aumento da produção mundial.

O economista-chefe do Banco Fator diz que os franceses devem "martelar" a questão dos preços das commodities durante os debates, com apoio de outros países europeus. "Noruega e Suécia, além de Suíça, estão sofrendo com o câmbio, mas prometem ajuste fiscal e vão cobrar isto do Brasil."

Cristiane Serpa diz que a posição declarada do Brasil com relação às commodities pode fazer com que o País tenha ainda mais destaque no encontro. "Em compensação, se o debate ficar em torno da questão da reorganização do sistema financeiro, o protagonismo é mais balanceado entre todos os países", compara.

Os especialistas falam em um ponto mais pacífico com relação às conversas sobre o controle do sistema financeiro mundial, "já que todos os países sofreram bastante com o estouro da crise de 2008", diz Lacerda.

Poucos avanços

Os especialistas ouvidos pelo iG estão pouco otimistas com relação aos avanços que o encontro pode trazer para a agenda global. Reinaldo Gonçalves diz que a reunião "é mais uma agenda de burocracia". "A única reunião importante do G20 foi a de 2009, quando o [Barack] Obama conseguiu a ação coordenada dos países para ajudar o FMI."

Sem esperar soluções para os temas propostos, José Francisco de Lima Gonçalves diz que o encontro "é importante para dar o tom sobre quem manda e tentar chegar no fim do ano com o [Nicolas] Sarkozy [presidente da França] bonito na foto".

A pesquisadora do Centro de Estratégias e Negócios Internacional do Ibmec-MG acredita, por sua vez, que a reunião pode "formar uma agenda positiva para ser desenvolvida ao longo do ano". Ela ressalta, por outro lado, que "as posições divergentes entre membros com peso importante na economia mundial" podem dificultar a adoção de medidas concretas depois deste sábado.